

## **A PRODUÇÃO DE ERVA-MATE NA COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS (CAND), ANTIGO SUL DE MATO GROSSO (1943 A 1965)**

JOSÉ ANTONIO FERNANDES<sup>1</sup>

O “ciclo da erva-mate” no antigo sul de Mato Grosso teve início oficialmente quando o empresário Thomaz Laranjeira obteve, em fins de 1882, uma concessão de exploração, no sistema de arrendamento, de uma extensa área de terras devolutas situadas na faixa de fronteira com a República do Paraguai (CORRÊA FILHO, 1925, p. 14-16). Desde então começou a exportar erva-mate no formato *cancheada*<sup>2</sup> para a Argentina, que era o principal mercado consumidor do produto brasileiro. Nesse contexto, a Companhia Mate Laranjeira, continuadora do empreendimento individual de Thomaz Laranjeira, utilizando milhares de trabalhadores, majoritariamente imigrantes paraguaios, realizou grandes investimentos e adquiriu grande poder e prestígio, chegando a ser a maior contribuinte da Fazenda Estadual no início do século XX. Por esse motivo, com relação à economia ervateira desenvolvida no sul do antigo Mato Grosso, costuma ser realçada a presença e as atividades dessa grande empresa.

Em meio à atividade “legalizada” da Companhia no sul de Mato Grosso, havia também os *changa-ys* (“ladrões de erva” em guarani), como a mesma chamava todos aqueles que agiam sem seu consentimento – produtores independentes e mesmo contrabandistas que produziam erva-mate. Esses eram combatidos pela Companhia, muitas vezes perseguidos e mortos, ou impedidos de vender sua produção.

### **O surgimento da CAND**

E é no extremo sul de Mato Grosso, constituindo uma extensa região dominada economicamente, sobretudo por uma empresa, a Companhia Mate Laranjeira, habitada por inúmeros povos indígenas, além de contar desde o século XIX com um considerável número de posseiros, especialmente gaúchos, que incluía também uma grande presença de paraguaios e seus descendentes (QUEIROZ, 2008, p. 58), que o governo Vargas decidiu interferir. Fez isso com novas políticas que constituíram a chamada *Marcha para Oeste*, lançada já em 1938, no início do Estado Novo, onde se destacava o que os ideólogos da mesma consideraram um

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela USP – Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> **Cancheamento** é um primeiro processo de produção, realizado ainda nos ranchos ervateiros, antes de serem ensacados e levados para o mercado de destino ou para um melhor beneficiamento (industrialização).

esforço de “nacionalização” das extensas fronteiras sul-mato-grossenses, especialmente com o Paraguai, entendendo-a ainda como uma política de ocupação dos espaços considerados, embora erroneamente, “vazios” (OLIVEIRA, 1999, p. 134), entrando ainda em confronto com a Companhia, vista essa empresa como um “muro” que impedia a entrada de migrantes e, portanto, “dificultava a colonização dessa parte do estado” (LENHARO, 1986, p. 49-50).

Embora as preocupações do Governo Federal fossem eminentemente políticas, o movimento de migração propagado pela *Marcha* tinha também uma importante dimensão econômica, pois fazia parte do fenômeno conhecido como *frentes pioneiras*, o qual “exprime um movimento social cujo resultado imediato é a incorporação de novas regiões pela economia de mercado” (MARTINS, 1975, p. 43-45). Essas *frentes pioneiras* estão diretamente relacionadas ao rápido desenvolvimento industrial que então se verificava na região sudeste do Brasil, destacadamente a cidade de São Paulo (QUEIROZ, 2008, p. 57-60).

Foram essas iniciativas colonizadoras que deram origem à Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), criada pelo Decreto 5.941, de 28 de outubro de 1943, no então Território Federal de Ponta Porã. O empreendimento foi um grande sucesso, tendo a CAND, no início da distribuição dos lotes, um crescimento populacional incrível, a ponto de sair fora do controle e nascer uma chamada *Segunda Zona*, com ocupação populacional não-indígena desorganizada e com pouco ou nenhum amparo de sua Administração (cf. NAGLIS, 2007).

### **A exploração da erva-mate na CAND**

Parte desses mesmos colonos da CAND foram se inserindo, senão totalmente, ao menos parcialmente, na economia ervateira regional, adentrando num universo pré-existente, com os paraguaios e indígenas, explorados que eram; além de terem contato também com a Companhia Mate Laranjeira, ao menos por algum tempo. Esses mesmos colonos se dividiram então entre os diferentes grupos envolvidos na produção e comércio do mate. É assim que temos, por exemplo, a figura do *empreiteiro*, que não representava um contingente muito grande, e a do *dono* do lote. Nem sempre o dono ou arrendatário (*empreiteiro*) dos ervais era o mesmo que nele trabalhava, sendo por vezes outras pessoas, *trabalhadores* contratados, neste caso especialmente os paraguaios e indígenas que ficaram à disposição com a implantação da CAND e o afastamento crescente da Mate Laranjeira das atividades ervateiras.

Esses *trabalhadores*, ou *produtores diretos*, eram contratados por diárias, por produção ou mensalmente para a extração, cancheamento e transporte do produto.

Além de *empreiteiros* e *trabalhadores*, havia também os *compradores*, que, às vezes, se confundiam com as pessoas que arrendavam o erval, que contratavam os trabalhadores e que ainda fazia o transporte para os mercados de destino. O tipo do *comprador/empreiteiro* se aplicava apenas para alguns poucos que conseguiam se firmar no setor e fazer da erva-mate uma fonte mais permanente de renda. Alguns ex-colonos entrevistados por nós, como veremos adiante, mostraram que a economia ervateira, em alguns momentos, incluía redes fixas de compradores, trabalhadores e fornecedores. É o caso do senhor Ramão Dauzacker e seus filhos, que seguiram como *compradores* e mesmo *empreiteiros* até pelo menos os anos iniciais da década de 1990<sup>3</sup>.

Destacamos ainda que as formas de exploração da erva-mate na CAND seguiram uma ordem básica, ainda que tenha havido algumas variações de um local para o outro. Em muitos casos, os colonos simplesmente cediam seus pés de erva-mate a terceiros, que, em troca de um pagamento, os exploravam e/ou contratavam alguns trabalhadores que o fizessem. Em outros casos, alguns colonos procuraram aprender as técnicas de exploração com os ervateiros remanescentes, trabalhando eles mesmos ou com ajuda de outras pessoas, neste ponto me permitindo forjar o conceito de “colono ervateiro”, que será explicado mais adiante.

#### *O uso indireto da erva-mate*

Dos dois grupos apontados no parágrafo anterior temos à princípio o daqueles ***colonos que teriam encontrado erva-mate em seus lotes, identificando-a como produto de valor econômico, mas que não aprenderam ou não quiseram “tirar erva”***. Essa maneira de lidar com a planta presente no lote, se não evidencia certa precariedade na produção ervateira na Colônia, pelo menos confirma o projeto traçado para a CAND, de ser uma zona de produção agrícola – que dando certo ou não já é outra história. É o que mostra o depoimento da senhora Maria Braga, natural de Passos de Minas, Minas Gerais, que teria se radicado em Vila Brasil (atual Fátima do Sul), que disse que em seu lote havia, em meio às demais árvores, pés de erva-mate, que eram identificados enquanto seu marido abria a mata. Segundo ela, “teve um tempo que ele deixou as árvores [de erva-mate] e vendeu pro povo fazê... Os povo vinha com

---

<sup>3</sup> Luiz Antonio – entrevistado informalmente (sem gravação de áudio ou vídeo) em Jateí, MS, em 16/dez/2011.

a carroça e cortava, e levava”. Perguntada sobre quem eram essas pessoas, ela disse que não sabia o nome, “eram uns paraguaio. O véio foi lá ofereceu e eles veio de carroça. Porque o véio ia derrubá mesmo a árvore pra fazê derrubada, ia queimá, vendeu bem baratinho pra eles, coitados. A gente não usava”<sup>4</sup>.

Outros exemplos são encontrados na região do atual município de Jateí, de ocupação mais tardia que Vila Brasil, dentre os quais temos a senhora Joaquina Araújo Dionísio e o senhor Manuel Valêncio Gomes Filho, o *Seu Sué*.

A senhora Joaquina Dionísio, nascida em 1922, em Rio Brilhante, de pais gaúchos, mãe de Vacaria e o pai de São Borja, disse que passou por algumas localidades de Mato Grosso antes de se fixar em Jateí, por volta de 1947, onde após a morte do marido adquiriu lote na CAND. Nem ela nem seus familiares trabalharam com erva-mate, “só roça que nós toquemo, num foi erva-mate”, mas em seu lote “tinha argum pé, num era muito... porque eu... terra de cultura num dá erva. Dá um pé ou dois”. A pouca erva-mate que havia no lote ela teria vendido, sem no entanto identificar os compradores, reconhecendo-os, assim como dona Maria Braga e outros entrevistados, como “paraguaios”<sup>5</sup>, dizendo ainda que “depois que os paraguaio foro embora” não vendeu mais, porque ninguém mais comprava<sup>6</sup>.

Outro “pioneiro” da região é o pernambucano Manuel Valêncio Gomes Filho, o *Seu Sué*, que se mudou em 1959 para a CAND. Ao chegar com a família se instalaram em um galpão de um conhecido. Apenas algum tempo depois foi que ele conseguiu um lote, o pai conseguiu outro e o cunhado outro, todos perto, localizados na linha do Carajá (também conhecida como Estrada Carajá), próxima à então Vila Jateí e ao que hoje é Nova Esperança, distrito do atual município de Jateí<sup>7</sup>. O envolvimento do *Seu Sué* com erva-mate teria se dado nos dois anos iniciais, na Estrada Carajá. Segundo ele, a erva-mate era “a produção mais que existia... dispois daí, de uns dois a três ano, começô a tê otras produção né?”, mas “até uns dois ano, quando nós chegamo, a produção que tinha era erva-mate... lá na mata”. Ele nos diz que “num pruduzia ela! Meu pai vindia... Nós tinha, nu sítio tinha dimais”. O que acontece é que eles identificaram a erva-mate nos lotes, mas não agiram diretamente na produção, sendo

<sup>4</sup> Entrevistada por Suzana Naglis e Carlos M. Vieira, em Campo Grande, MS, em dez/2006 - áudio em fita K7.

<sup>5</sup> Essa identificação dos compradores de erva-mate como “paraguaios” nos faz lembrar a influência cultural do país vizinho, tendo ainda em mente a difusão do idioma Guarani nos ervaes que vinham sendo ocupados pelos “soldados brasileiros” de Getúlio Vargas. Influência que, no sul de Mato Grosso, ganhou destaque, sobretudo, com a Companhia Mate Laranjeira e o uso corrente da mão de obra paraguaia, o que ocorria desde pelo menos o fim do século XIX (QUEIROZ, 2004, p. 137-139).

<sup>6</sup> Entrevistada em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011 - áudio em formato digital.

<sup>7</sup> Entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011 - áudio em formato digital.

ainda que ele mesmo nem chegou a interferir nas negociações, “meu pai vindia [a erva-mate dos 3 lotes] pra outras pessoa que... fazia colheta... e trazia pra cidade, pra transporte”, sendo que “eles comprava bruto no mato e [...] fazia o benefício e... e vendia pra fora”, lembrando que o valor do produto “o pai nem sabia de certo... [...] eles tavam mais atualizado, porque eles que... Eles sabia como vendê lá no comércio e sabia como comprá”.<sup>8</sup> Interessante ainda é que, segundo ele nos diz, além da erva-mate havia as plantações da família, nos lugares dos lotes onde não tinha a planta. O pai dele parou de “produzir” erva-mate “logo que a ota produção começô a chegá... ele num ligô mais de vendê não”, “aí veio... Como eu estou eu falando... daí uns dois ano, a coisa começô a melhorá... ela começô a produzi”<sup>9</sup>.

Estes casos são exemplares de uma parte dos colonos que recebiam uma quantia combinada, talvez por sacos ou quilos, não representando um valor muito significativo, tendo vendido barato para os compradores, mas também não sendo assim tão desprezível, como veremos. Essas pessoas encontraram erveiras em seus lotes, quando estavam se instalando, mas optaram por negociar com outras pessoas para que as explorassem, o que levanta algumas hipóteses: em alguns casos isso pode ter ocorrido por desinteresse no trato direto ou por desconhecimento do mesmo; ou ainda por estarem atentos a outros tipos de culturas agrícolas ou criação de animais, o que fazia parte do projeto da CAND.

#### *Os “colonos ervateiros”*

Se alguns colonos não quiseram se envolver diretamente na produção de erva-mate, embora dela tenham tirado benefício (em alguns casos o próprio sustento), ***outros procuraram aprender as técnicas de exploração com os ervateiros remanescentes, elaborando eles mesmos ou com pouca ajuda de outras pessoas***. Esse caso é particularmente interessante, pois demonstra um intercâmbio cultural, tendo em vista que esses colonos, a quem chamo “colonos ervateiros”, buscaram aprender a trabalhar com o produto, não se limitando ao corte, mas também se envolvendo no processo de sapeco, secagem e cancheamento. Nossos protagonistas nesse caso são os senhores Urbano Braulino da Silva, Moacir de Souza Fagundes e Manoel Antonio da Silva, este último irmão do senhor Mariano Antonio da Silva nosso entrevistado.

---

<sup>8</sup> Entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011 - áudio em formato digital.

<sup>9</sup> Entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011 - áudio em formato digital.

Interessante aqui é dizer que o conceito de “colono ervateiro” que usamos difere do conceito homônimo elaborado por Marcos Gerhardt em sua tese de Doutorado, *História ambiental da erva-mate* (2013, especialmente o **Capítulo 3**, p. 157 ss). Diferente do grupo migratório deste texto, que é composto por brasileiros que se movimentaram no contexto da *Marcha para Oeste*, ali o autor usa o conceito para tratar do “envolvimento de colonos que migraram da Europa para o Sul da América [sobretudo no século XIX] com o extrativismo e com o cultivo da erva-mate” (p. 19).

Dos “colonos ervateiros” que tratamos, o senhor Moacir de Souza Fagundes é um exemplo curioso, pois se tornaria anos depois de se instalar na região o primeiro prefeito do município de Jateí, quando de sua emancipação. Claro que isso seria assunto para outra pesquisa, sendo que o que mais nos importa é o fato dele ter trabalhado, juntamente com um irmão, Pedro de Souza Fagundes, na produção direta de erva-mate<sup>10</sup>. Nascido em Paraguaçu Paulista, no estado de São Paulo, Moacir e o pai, Antonio Fagundes, juntamente com o restante da família, vieram em um caminhão Ford próprio, inicialmente para a região de “Vila Sapo”, em Vila Brasil, em 1948, do lado da *Primeira Zona*, quando ainda não existia a *Segunda Zona*, onde o pai conseguiu lotes para algumas de suas irmãs. Dali, adentrando posteriormente a *Segunda Zona* o pai conseguiu-lhe um lote na Estrada do Caraguatá, na altura da região da então Vila Jateí, para onde se mudou por volta de 1950. Se bem que por um tempo, Moacir viveu uma vida de “colono ervateiro”, tendo por vezes carregado *raídos*<sup>11</sup>, secado e cancheado erva-mate (cancheamento que em seu caso era feito com cabo de facão), tendo inclusive ele e o irmão construído um *barbacué*<sup>12</sup>. Além dos “paraguaios”, ele ainda teve contato com um senhor chamado Antonio Félix de Souza, que “saía lá de Dourados e vinha aqui comprar”. Ele diz que tinha a “impressão que ele, de lá vendia para a Companhia Mate Laranjeira”, o que parece confirmar o enorme poder que a Companhia adquiriu sobre a memória local: todos os outros atores são ignorados e só a Companhia é lembrada. Embora seja difícil fazer uma afirmação, no caso se a erva-mate ia para Dourados, o que poderia ser mais provável é que fosse para a Cooperativa dos Produtores de Mate Dourados, e não para a Companhia.

---

<sup>10</sup> Entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011 - áudio em formato digital.

<sup>11</sup> Fardos de erva-mate, de peso variado, feito para o transporte dos locais de corte.

<sup>12</sup> Construção feita próxima aos ervais, em Mato Grosso e outros estados, para secagem da erva-mate.

Além de vender, o senhor Moacir diz que também foi comprador de erva-mate dos “paraguaios”, o que o caracteriza também como um *comerciante*: “também... eu, eu, eu pegava com uns paraguaios... Eu tinha um grupo de paraguaios... ali, mais ali pro Conceição [linha Potreirito na época da CAND]. Daqui o... cerca de 10 a... a 15 quilômetros... eu comprava deles”. Segundo ele, comprava mais erva-mate dos “paraguaios” do que produzia diretamente: “[...] eu ia... meu, meu, meu saudoso papai tinha um carroção, puxado com 4, 5 animais, muares. 4 ou 5 animais muares. Eu comprava deles, a erva, ia lá, buscava e... e repassava pro senhor Antonio Félix de Souza”.

A movimentação e extração livre da erva-mate apontada por ele e por outros entrevistados só era possível porque a *Segunda Zona* da CAND, que inclui parte das Estradas do Caraguatá, Carajá e Potreirito, até meados da década de 1950, teve problemas na regularização de seus lotes, como nos mostra o Administrador da CAND, Clodomiro de Albuquerque, em seu ofício ao diretor do Departamento de Terras e Colonização (DTC), de abril de 1954, ao dizer que a *Segunda Zona* tinha seu “desenvolvimento retardado, *até mesmo no que diz respeito ao loteamento*, ponto básico dos nossos planos de trabalho”<sup>13</sup>. Essa situação permitiu ao senhor Moacir dizer que, “na época, na vizinhança num tinha lotes. Quando nós chegamo aqui num tinha demarcação ainda. Era tudo de várzea... aí depois que chegaram as demarcações. Com o tempo chegô e chegô, é... o Núcleo Colonial [de Dourados]<sup>14</sup>, demarcando... E aí, e aí, foi então que... tomô... novos rumos né?”, tirava-se erva de qualquer lugar onde houvesse, pois “isso aqui era mundão! Isso aqui num tinha dono não! Num tinha dono”.

Por fim, Moacir Fagundes teria parado de trabalhar com erva-mate quando começaram a surtir efeito, pelo menos em sua região, os trabalhos de demarcação e regularização dos lotes da *Segunda Zona*, “que aí... colocava cada posseiro no seu lote. Aí então, quem tem o seu lote num qué quem quer que seja pisano lá dentro né?”. Ainda assim, em seu lote havia erva-mate, mas “é poquinho! E num compensava tá mexeno. Só compensô no princípio né? Que a gente mexia em mais... em maior quantia né? A gente tanto tirava como comprava dos paraguaios. E... mas depois... [...] parei. Parei porque... porque num dava mais né?”. Não ficou muito claro quando se deu o término de sua participação na atividade

<sup>13</sup> *Ofício* do Administrador da CAND, Clodomiro de Albuquerque, ao diretor do Departamento de Terras e Colonização (DTC), abr/1954, grifos meus.

<sup>14</sup> Outra forma como era conhecida a CAND.

ervateira, mas, como sabemos, ele teria vindo para a região no início da década de 1950, quando toda ela já parecia estar sendo ocupada, embora não bem demarcada, como visto. Por fim, depois, mesmo não produzindo erva-mate comercialmente, ele diz que ainda continuou tirando para consumo, “eu e meu irmão Pedro, ainda continuamos... tirano né? Só pra consumo. Só dentro de nossa própria propriedade. Porque a gente tinha”.

Outro personagem a ser incluído no grupo dos “colonos ervateiros”, é citado pelo senhor Mariano Antonio da Silva, comerciante aposentado<sup>15</sup>. Ele nos conta sobre seu irmão, Manoel Antonio da Silva, que produzia e vendia erva-mate para os “paraguaios”. Aposentado, nascido em Alagoas, em 1923, o senhor Mariano nos conta que foi para Presidente Prudente, interior de São Paulo, no início da década de 1950, onde morou antes de vir pouco depois para a região de Vila Jateí – de lá vieram ele, o irmão Manoel, mais duas irmãs, o pai e a mãe. Seu irmão Manoel havia conseguido um lote na CAND, tendo depois lhe vendido uma porção (uma “data”), porque “tinha quem vendia [terra] baratinho, aí você comprava”, porque “a terra [disponível da CAND] já tinha acabado”.

Como aconteceu com muitos dos colonos que aderiram à produção ervateira, Manoel tinha no lote “aquele poquinho só” de erva-mate e vendia. Em dado momento parece surgir então uma contradição, quando Mariano diz: “óia, no lote dele mémo num tinha, tinha nos campo. Que o lote dele era... era... era cultura”. Acreditamos que, à semelhança do senhor Moacir Fagundes, isso se deva ao fato de a região estar pouco demarcada na época em que chegaram, por isso não definindo bem o que era de seu irmão ou não. E ele segue aparentemente se contradizendo, “não, ele num trabalhava com erva-mate. Era o seguinte: num era ele só. Era, era... quase todo mundo que num tinha onde se agarrá, coitado, era só corrê aquele dinherinho, só da erva-mate mémo”. Seria mesmo outra contradição? Acreditamos que aqui se explique pelo fato dele não considerar a erva-mate como uma atividade que mereça muita atenção, mas o fato é que “fazia aquela ervazinha... pra fazê o... pra comprá alguma besterinha. Um açúcar, um sal, alguma bobagem, né? Mas num era coisa cos... vivia daquilo né? Ele nunca viveu. Ele sempre... foi quando entraro, pra se defendê, pra num morrê de fome. Então tirava erva. Mais nem que eles continuava... Depois a erva acabô também, quando dirrubô a mata a erva acabô”. Suas incursões pela extração da erva-mate ele

---

<sup>15</sup> Entrevistado em Jateí, Mato Grosso do Sul, em 16/dez/2011 - áudio em formato digital.



fazia sozinho, até porque pelo pouco que lhe rendia não havia dinheiro para pagar ninguém, “ele mémo que trabalhô”.

Por fim, completando a nossa lista de colonos entrevistados que produziram diretamente erva-mate, temos o importante depoimento do senhor Urbano Braulino da Silva, residente em Nova Esperança, distrito de Jateí. Ele nasceu em 1930, no estado da Bahia, e como a maioria dos colonos migrou para o Oeste brasileiro “com a notícia de que aqui tava dano terra po povo... aqui no município de Dourados”. Algum tempo depois de chegar à região abriu lotes na Estrada Caraguatá, na *Segunda Zona*, com o sogro e um cunhado, para onde se mudou em 1956. Nesses lotes havia erva-mate, mas não conhecia, aprendendo depois, após ter contato com um senhor de nome Epitácio<sup>16</sup>, para quem começou a produzir e vender, entre 1957 ou 1958, depois de uma pequena incursão frustrada pela produção de arroz.

*Aí depois que começou o serviço da erva. O caboclo, um caboclo chegô lá... lá o Epitácio, chegô ali, começô tirano erva, como já tinha muita erva... tinha... ensinei pra ele onde é que tinha erva aí. Tirô dos lote tudo, tudo. Só... num tinha ninguém mémo aí. Só tava eu, meu sogro e a família aí. O resto que tava tudo em volta... tudo era mato... Comecei tirá erva. O negócio melhorô pra mim viu!? Aí comecei a tirá... ganhá dinheiro com ele... e vai, vai... Quando ele foi embora, eu comecei to... Eu toquei uma roça, eu comecei tirá erva... Foi meus pão! Eu apanhava erva.*

Urbano parece ter sido um dos colonos que conseguiram algum retorno com erva-mate – mesmo somando-a a outros tipos de cultura agrícola. Ele, como o senhor Moacir Fagundes anteriormente mencionado, também construiu um barbacué com a ajuda de um amigo. “Eu roçava o mato pa podê prantá lavora, mas a erva eu aproveitava. Eu cortava e... pra podê vendê né? E ali foi o... o que foi meu pão foi aquilo ali rapaiz! Eu num tinha algum dinheiro... eu num tinha... Eu fazia, ia lá, fazia a ferinha... Vendia a erva, fazia a fera e trazia. Pra podê trabaiá, passá a semana. Eu fiz isso muitas veiz”. A erva-mate que cortava nos fins de semana, apesar das demais plantações que tinha, teria lhe ajudado no sustento por um bom tempo, “acho que uns... três anos nessa vida tirano erva viu?!”, dando “pra fazê a fera pra passá a semana”. E se o preço recebido pela erva-mate não fosse tão alto, “você vendia as coisas barata, mas também comprava barata”.

*Trabaiava de segunda, terça, quarta, quinta, sexta... na, na roça. Quando era no sábado eu ia cortá erva. Sapecá, põe no barbacué e quando, só... tocá fogo, né? E levá... levá de [...] aí. Levava quarenta quilos... Até cinquenta quilo já levei, nas*

---

<sup>16</sup> Morador de Caarapó que andava pela região com seus trabalhadores extraindo erva-mate e que teria sido anos depois prefeito dessa cidade (NEZZI, 2010 – disponível em < <http://www.caaraponeWS.com.br/noticia/caarapo/6,13864.ex-prefeito-de-caarapo-e-hoje-autoridade-esquecida> >, visitado em 13/maio/2012).

*costas, daqui no Jateí! Dentro da picada. E aí foi minha vida rapaiz! Desse jeito. A erva me valeu muito!*

Como aconteceu com outros colonos, com Urbano não foi diferente, quando os lotes começaram a ser desmatados começou a ser abandonada a produção, o que parece ter sido um desalento para ele: “Ah... depois... foi aquela situação, depois que... que começô a abri todos os terrenos aqui, e eu... falei ‘meu pai do céu, como que eu vô fazê?’”. Em sentido mais amplo, era o que temia também o Instituto Nacional do Mate<sup>17</sup>, como completa o quadro o senhor Urbano, “depois acabô a tiração de erva. A erva começô queimá com a roça... cabô todinha. O pessoal começô roçá e ponhá fogo...”. Isso parece ter ocorrido entre o final dos anos 1950 e inícios dos anos 1960, sendo possível que os lotes já estivessem demarcados há mais tempo, mas ainda não estivessem “abertos”, isto é, ainda não era interessante dedicar-se apenas à agricultura, ainda mais tendo a erva-mate como fonte de renda.

Por fim, algo interessante de se dizer, é que poucos dos colonos entrevistados mencionaram as pessoas que lhes ensinaram o trato da erva-mate, forçando-nos a imaginar o que parece natural, ou seja, que teriam aprendido com os ervateiros paraguaios e/ou indígenas que continuaram circulando na região. Isso não exclui, embora faltem dados mais concretos que o confirme, que alguns colonos que aprenderam a trabalhar com o produto também tenham passado adiante o conhecimento que adquiriram.

### **Os compradores de erva-mate na CAND**

No mundo ervateiro sul-mato-grossense a figura dos *compradores* assumiu características diferentes dependendo do poder e influência de cada um ao longo do período abordado por este texto. Alguns deles poderiam ser também *exportadores*, se bem que para isso necessitassem ser relativamente mais organizados, como são os casos de José Pinto Costa, Indústria Brasileira de Mate e, de forma mais hegemônica, a própria Companhia Mate Laranjeira. Já a partir da década de 1940, apareceriam como representantes de grupos as *cooperativas*, especialmente em nosso caso a de Dourados e a Federação das Cooperativas de Produtores de Mate Amambai (COPEMA), esta última agindo como exportadora. Com menor poder, mas não menos importante, encontramos os pequenos compradores, muitos deles também colonos, que agiam independentes, pelo menos até certo ponto. Esse grupo dos *compradores*, que poderia ser empresa ou pessoa física, por vezes se confundia também com

---

<sup>17</sup> Órgão responsável por controlar a produção e comércio de erva-mate no Brasil de 1938 a 1967.

o dos *produtores* (em poucos casos sendo *proprietários*), tendo vínculo e fazendo o transporte para os principais mercados.

Ao longo desse artigo identificamos os nomes de alguns compradores da CAND. A Companhia Mate Laranjeira, como vimos, de longe é a mais emblemática das empresas ervateiras particulares que atuaram no sul de Mato Grosso, permanecendo e se fazendo visível entre os colonos da CAND a partir da década de 1940. Em meio a esse mundo de trabalhadores e novos ervateiros que interagem, a Companhia, cujas atividades ervateiras eram desenvolvidas nesse mesmo local em que seria mais tarde estabelecida a Colônia, vinha sendo obrigada a abandonar suas instalações em diversos lugares, o que não a impediu, no entanto, de continuar negociando, pelo menos por algum tempo, com os colonos<sup>18</sup>. Algumas destas instalações da empresa, a partir da década de 1940, vão ser apropriadas pelos colonos, produtores de erva-mate ou não, pelas cooperativas e pelo próprio Instituto Nacional do Mate.

Outras empresas que agiram na região, essas com representatividade coletiva, são a Cooperativa de Erva-mate “Dourados” e a Federação das Cooperativas de Produtores de Mate Amambai (COPEMA). O senhor Urbano Braulino, que já citamos, não se recordou de ter tido contato com algum comprador de Dourados, pois, segundo ele, era muito longe e de difícil acesso; mas ele teria ouvido falar na Cooperativa, na Vila São Pedro (ainda hoje uma vila de Dourados), à qual não se associou porque, segundo conta, tirava 200 quilos, 300 quilos, “nunca fui de vendê pra cooperativa não”<sup>19</sup>. Isso exemplifica um pouco o fato de algumas regiões da CAND não terem tido contato com as Cooperativas (a Mista da CAND ou a de Erva-mate) e mesmo com a Administração da Colônia, ou o tiveram escassamente, por causa da distância e das dificuldades de acesso, pelo menos durante a década de 1950. Mas essas mesmas pessoas tiveram contato com *intermediários*, que podiam, sim, repassar para a cooperativa ou outros compradores de Dourados.

A Federação das Cooperativas de Produtores de Mate Amambai (COPEMA), com sede em Ponta Porã, por sua vez, ganhou importância ao longo do tempo, tendo superado a Companhia Mate nas exportações na década de 1950 e assumido a hegemonia quase total destas nos anos em que a erva-mate sobreviveu na década de 1960.

Já em relação aos pequenos compradores, usando mais uma vez o exemplo do senhor Urbano Braulino, vimos que a erva-mate que ele extraía tinha alguns compradores certos. Ele

---

<sup>18</sup> Relatório do Presidente do INM, Cândido Mader, de outubro de 1955.

<sup>19</sup> Entrevistado em Nova Esperança, distrito de Jateí, MS, em 16/dez/2011 - áudio em formato digital.

cita a princípio o senhor Epitácio e um outro referido apenas como Bezerra, que compravam em Jateí e levavam para Caarapó. Em Nova Esperança, hoje distrito de Jatéi, não havia erva-mate, mas havia compradores, como, por exemplo: Antonio Amâncio e Miguel Amâncio, João “Baiano” e João Braz. Em outros momentos o senhor Urbano teria vendido também para um pessoal de Glória de Dourados. Posteriormente houve uma mudança de ponto de venda da erva-mate produzida em sua região, que segundo ele, “quando começô aqui Nova Esperança nós num vendia mais erva no Jateí, vendia aqui”. Isso parece ter ocorrido porque alguns vendiam para Jateí enquanto ainda não existia o povoado de Nova Esperança, que uma vez criado, viu surgir alguns compradores (e mesmo consumidores), sendo que os colonos que ainda tinham erva-mate em seus lotes passaram a vender para os armazéns locais, para consumo local. Os velhos compradores de outras localidades pararam de procurá-los, “então começô comprá os armazém pra vendê pro povo”<sup>20</sup>.

Embora o espaço para este texto de apresentação seja reduzido, tendo em vista a necessidade de encerrar, vale lembrar que o principal comprador do Brasil era a Argentina. E esse mesmo mercado cortou suas importações de erva-mate do nosso país em meados dos anos 1960, fazendo suas últimas encomendas em 1965. Antes disso já vinham reduzindo suas encomendas desde a década de 1950. Aqueles que continuaram trabalhando com erva-mate em Mato Grosso, tiveram então que encontrar alternativas. Nisso atentemos ainda para o que diz Urbano Braulino sobre Nova Esperança, onde uma nova situação se mostra e serve-nos para refletir sobre o comércio e distribuição da erva-mate mato-grossense e mais particularmente da CAND. Ele diz que “quando começô [a venda localmente]... o, o pessoal num levava mais de caminhão pra fora, o consumo ficava todo no... pro pessoal do lugá mesmo”. Esse trecho corrobora com a ideia de que alguns, ao invés de exportar para a Argentina ou vender para pessoas que servissem de intermediários, como seria seguir a corrente, passaram a vender sua produção no mercado local, estadual e mesmo nacional.

Há que se dizer que os números das vendas no mercado nacional nunca foram muito expressivos, especialmente se comparados com o mercado tradicional do estado (a Argentina) (cf. FIGUEIREDO, 1967), entretanto, as vendas intra e interestadual, respectivamente, parecem ter se configurado como uma alternativa viável para alguns pequenos produtores e comerciantes, que poderiam comercializar a erva em sua microrregião ou gleba em formação.

---

<sup>20</sup> Entrevistado em Nova Esperança, distrito de Jatéi, MS, em 16/dez/2011 - áudio em formato digital.

Além disso, o Instituto Nacional do Mate (INM) dá alguns exemplos de grandes compradores de erva-mate do estado de Mato Grosso, embora existentes em pequeno número, como os “moageiros”<sup>21</sup> de Ponta Porã, Amambai e Dourados, produtores de um tipo de erva-mate cuja sigla era MB2 (destinado ao consumo estadual). A cidade que mais comprava esse mate industrializado era Campo Grande, absorvendo 80% da produção, fazendo a distribuição para as cidades e povoados vizinhos, sendo que, entre novembro de 1951 e 1952, teria comprado 78.232 quilos. O principal município produtor era Ponta Porã, que no mesmo período produziu 116.450 quilos. Em março de 1952 o INM registrou a existência de 28 *empresas beneficiadoras* no estado de Mato Grosso, embora estivessem funcionando apenas 14 deles, sendo 2 de Dourados, além de 8 em Ponta Porã, 2 em Amambai e 2 em Maracaju<sup>22</sup>. Figueiredo também nos diz que, em alguns casos, parte da produção era “encaminhada para engenhos regionais, com exemplares em Campo Grande e Dourados, que produzem MN1”, tipo destinado ao consumo nacional (1967, p. 269).

Com o que vimos compreende-se ainda que, antes que a erva-mate chegasse às mãos daqueles *compradores, comerciantes e exportadores* que atuavam em nível mais amplo, passava pelas mãos de diversos *intermediários*. Eram esses que circulavam pelos ervais matogrossenses ou tinham empregados que se encarregavam do serviço, com veículos próprios que iam desde carroções de bois a caminhões e caminhonetes, dependendo, claro, do poder aquisitivo dos mesmos. As informações sobre a maioria deles são escassas, mas aparecem pelo menos citados em diversos depoimentos e documentos da CAND. Além dos citados pelo senhor Urbano Braulino, como Epitácio e outros, temos alguns nomes mencionados pelo senhor Moacir Fagundes<sup>23</sup>, a exemplo de Antonio Felix de Souza, e um tal *Seu Quincó*, citado pelo senhor Manuel *Sué*<sup>24</sup>. O memorialista José Azevedo, por sua vez, faz menção a Olímpio Delilo e Messias de Almeida, compradores de Vila Glória (atual município de Glória de Dourados), sendo que Delilo teria sido o primeiro comprador de erva-mate daquela localidade (AZEVEDO, 1994, p. 15).

Já pelas bandas de Dourados algumas figuras importantes aparecem na documentação da CAND e do INM. É talvez o caso mais notório o de Emídio Rosa. O INM faz menção a ele em alguns documentos, pois o mesmo possuía um engenho de beneficiamento

---

<sup>21</sup> Industriais de erva-mate.

<sup>22</sup> Relatório do Presidente do INM, Pretextato Taborda Júnior, de março de 1952.

<sup>23</sup> Entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011 - áudio em formato digital.

<sup>24</sup> Entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011 - áudio em formato digital.

na cidade<sup>25</sup>. Em relação direta com a erva-mate, na década de 1940, ele foi Presidente da Cooperativa do Mate “Dourados” e esteve ligado à Delegacia do INM em Mato Grosso. Além disso, participou de uma comissão que teria visitado o presidente Getúlio Vargas quando de sua estada em Dourados (LIMA, 1982, p. 10 *apud* NAGLIS, 2007, p. 36) e esteve entre os organizadores de um abaixo assinado enviado a Vargas em 1942 – as duas ações na intenção da criação da CAND. De acordo Suzana Naglis (2007, p. 36) e como consta em diversos telegramas relacionados à CAND, Emídio Rosa também foi agente do Banco do Brasil e do Banco do Estado de São Paulo em Mato Grosso.

Outro nome importante nessa lista douradense de negociantes do mate é o de Ciro Melo, que, segundo Capilé Júnior, Capilé e Souza, “por longos anos [também] presidiu a Cooperativa do Mate ‘Dourados’ que representava um dos setores mais importantes, dada a sua atividade num dos pólos de maior interesse econômico do período” (1995, p. 239).

Por fim, temos o senhor Ramão Dauzacker, que não era colono mas que foi funcionário da CAND, depois comprou lotes na mesma e passou a circular com seus dois filhos, Ricardo e Clóvis, com trabalhadores contratados, extraindo, produzindo e vendendo erva-mate. Era ele, além de empreiteiro, um dos compradores, que foi lembrado por alguns ex-colonos entrevistados, tendo sido inclusive sua esposa cooperada na Cooperativa de Produtores de Mate “Dourados”, para onde encaminharam durante muito tempo a erva produzida.

### **Considerações finais**

Tendo em vista o que foi apresentado nesse texto, resultado da observação da documentação da CAND e da produção ervateira na mesma, podemos afirmar que, ao menos parte dos colonos, encontraram erva-mate em seus lotes, se envolvendo de alguma forma na produção ou delegando essa à outras pessoas.

Em relação isso, podemos pensar ainda que ao menos parte deles teve algum êxito, uns mais e outros menos, já que na segunda metade da década de 1950 e início da década de 1960, temos algumas boas vendas ao mercado argentino por parte do estado de Mato Grosso (em 1958, por exemplo, chegou a 12.955 toneladas exportadas), o que, enfim, começaria a mudar logo em seguida.

---

<sup>25</sup> Relatório do Presidente do INM, Pretextato Taborda Júnior, de março de 1952.

Em 1960 foram vendidas pelo estado 11.665 toneladas, tendo novo e último pico em 1961, quando atingiram 12.773 toneladas. A exportação brasileira de erva-mate desse início de década foi considerada a maior dos últimos 30 anos, registrada com entusiasmo pelos industriais e produtores de cancheada dos diversos estados ervateiros (sobretudo Paraná e Santa Catarina, além do Mato Grosso). Mas, já a partir de 1962, as vendas têm uma queda significativa, quando as exportações de Mato Grosso somam 7.020 toneladas e estabelece-se a média dos próximos quatro anos entre 6 e 7 mil toneladas (FIGUEIREDO, 1967, p. 346). O Mato Grosso de maneira geral e a CAND de maneira específica estavam então sendo afetados com o paulatino encerramento das importações por parte da Argentina, que já produzia o suficiente para seu consumo e mesmo para venda, fazendo suas últimas encomendas em 1965.

De qualquer forma, o que apresentamos contraria em grande medida a crença de que com o surgimento da CAND a partir da década de 1940 teria quase desaparecido a produção ervateira da região. É o que acreditou Alvanir de Figueiredo, procurando mostrar, como fizera o INM em alguns momentos, que os colonos vinham arrancando as suas erveiras para a realização de outros cultivos (1967, p. 24). Mas o mesmo autor se contradiz depois ao afirmar que a atividade ervateira tinha permanecido “*apenas* na zona da Colônia Agrícola Nacional de Dourados”, além de outras áreas fora dessa região, exemplo das colonizações Bata e Moura Andrade (*Idem*, p. 253, grifos meus). O mesmo autor reconhece a existência de erva-mate ainda em pleno ano de 1967 nos então municípios de Dourados, Jateí, Fátima do Sul, Ivinhema, Glória de Dourados, entre outros, todos dentro ou com parte de seus territórios na CAND (*idem*, p. 42).

Em resumo, embora não tenha passado ilesa, está claro que a produção de erva-mate sobreviveu, de uma maneira ou de outra, ao processo de desenvolvimento da agricultura prescrito na criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados. Foi afetada de maneira muito mais profunda e decisiva pela situação argentina, mercado do qual eram dependes os produtores de Mato Grosso e conseqüentemente da CAND.

### Referências

- CAPILÉ JÚNIOR, João Augusto; CAPILÉ, Júlio; SOUZA, Maria de Lourdes da Cruz e. *História, fatos e coisas douradenses*. Dourados: [s.n.], 1995.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *À sombra dos herveaes mato-grossenses*. São Paulo: Ed. S. Paulo, 1925.
- FIGUEIREDO, Alvanir de. *A presença geoeconômica da atividade ervateira: com destaque da zona ervateira do Estado de Mato Grosso, tomada como referência*. 1967. Tese

(Doutoramento em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente.

LENHARO, Alcir. A terra para quem nela não trabalha: a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, v. 6, n. 12, p. 47-64, 1986.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

NAGLIS, Suzana G. Batista. "*Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto*": os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados - CAND (1943-1960). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. Articulações econômicas e vias de comunicação do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX). In LAMOSO, Lisandra P. (org). *Transportes e políticas públicas em Mato Grosso do Sul*. Dourados/MS: Editora da UFGD, 2008.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*. Campo Grande/MS: Editora UFMS; Bauru: Edusc, 2004.

### *Entrevistas de História Oral:*

#### *Realizadas por mim*

**Joaquina Araújo Dionísio** – nascida em Rio Brillhante, em 1932, aposentada, entrevistada em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011.

**Luiz Antonio** – entrevistado informalmente em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011.

**Manuel Valêncio Gomes Filho “Sué”** – nascido em Pernambuco, em 1937, aposentado, entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011.

**Mariano Antonio da Silva** – nascido em Alagoas em 1923, comerciante, aposentado, entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011.

**Moacir de Souza Fagundes** – nascido em Paraguaçu Paulista, em 1937, aposentado, primeiro prefeito de Jateí, entrevistado em Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011.

**Ricardo Dauzacker** – nascido em Potreirito, município de Dourados, em 1956, produtor ervateiro, entrevistado em Vila São Pedro, município de Dourados, MS, em junho de 2008.

**Urbano Braulino da Silva** – nascido na Bahia, em 1930, policial civil aposentado, entrevistado em Nova Esperança, distrito de Jateí, MS, em 16 de dezembro de 2011.

#### *Realizada por outros pesquisadores*

**Maria Braga** – nascida em Passos, MG, entrevistada em Campo Grande, MS, por Suzana Gonçalves B. Naglis e Carlos Magno Naglis Vieira, em dezembro de 2006.